

## **Apresentação:**

O antropólogo David MacDougall em um paper apresentado por ocasião da 2ª Mostra Internacional do Filme Etnográfico (RJ) lança como questão: “existe realmente uma antropologia visual?”

Os debates nos eventos sobre o tema repetiram por algum tempo esta pergunta e em resposta os antropólogos ditos áudio visuais ou simplesmente visuais, por produzirem antropologia com instrumentos áudio visuais, buscaram responder com artigos que reconstituíram historicamente a preocupação dos antropólogos em inserir a produção da imagem como procedimento técnico-metodológico no desenvolvimento de suas pesquisas etnográficas. Esta reconstituição passa a ser uma práxis para legitimação do ato da produção com imagem na antropologia moderna, onde se destacam tanto a produção com fotografia citando Malinowski, Bateson, Mead, Curtis, Evans Pritchard quanto a produção filmica com Flaherty, Pöech, Griaule, Asch, Marshall, Rouch, entre outros.

Estas trajetórias não aparecem desvinculadas da própria história do desenvolvimento da técnica e/ou tecnologia no contexto industrial do mundo moderno como os aparelhos de registro cinematográfico e fotoestereoscópicos, antes, porém circunscritas as análises sobre o impacto da fotografia e do cinema na cultura moderna tanto quanto da contribuições dos fundadores do cinema moderno para a antropologia visual com as experiências de Dziga Vertov e Flaherty, por exemplo.

Nas transformações dos paradigmas antropológicos, a etnografia realista conhece novas postulações interpretativas. Finalmente a pergunta se desloca para o sentido do conhecimento transmitido pela produção áudio visual ou, no que pode ser produzido pela linguagem áudio visual, trazendo novas problemáticas para o campo antropológico. No Brasil, os centros de estudos de antropologia áudio visual vinculados a programas de pós-graduação em antropologia social se expandem e o trabalho de equipes torna-se um empreendimento coletivo e compartilhado com os grupos pesquisados no caminho de uma antropologia intertextual. Como sugere MacDougall, este percurso tem por perspectiva superar os trabalhos de base empiricista e culturalista para conceber uma etnografia visual de idéias que reproduza um diálogo conceitual que situe as dramáticas sociais e simbólicas de pessoas e grupos em seus cotidianos.

Abrimos este número da revista eletrônica *Illuminuras* com o artigo “Imagem recolocada: pensar a imagem como instrumento de pesquisa e análise do pensamento coletivo” de Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert. Neste as autoras inauguram um processo de reflexão sobre a participação das imagens nos estudos antropológicos sobre as culturas e sociedades humanas, em especial, aquelas que configuram as modernas sociedades complexas, esperando que ela permaneça como parte integrante da linha editorial desta publicação. Uma reflexão até certo ponto ainda embrionária (mas que se espera possa prosperar em outros números desta revista) sobre o caráter documental das imagens na produção do pensamento antropológico e a sua participação na configuração do realismo associado às representações etnográficas até sua crise apontada pelos pós-modernos. Este artigo dá uma tonalidade especial a linha editorial desta revista no corpo do projeto que constitui o Banco de Imagens e Efeitos Visuais dedicado a criação e produção de narrativas etnográficas no e do mundo contemporâneo a partir do uso dos recursos audiovisuais e das novas tecnologias.

Na seqüência, Rafael Devos apresenta os artigos "Namoro do sol e da lua: controvérsias entre documentário ficcional e documentário etnográfico" e "Quando a câmera "vira personagem": ponto de vista em movimento na busca de imagens do outro em documentários etnográficos", onde o autor aborda, respectivamente, a trajetória do cinema e da produção filmica relacionada ao percurso feito pela antropologia filmica e algumas questões referentes à produção de imagens em documentários etnográficos que perpassam diferentes papéis e pontos de vista que pode assumir esse "personagem-câmera", a partir do relato sobre 3 documentários que estão sendo realizados pela equipe do Banco de Imagens e Efeitos Visuais - Laboratório de Antropologia Social - PPPGAS - UFRGS.

Segue o artigo de Ana Luiza Carvalho da Rocha em "Pensar uma antropologia das profundezas à luz de questões da epistemologia genética" faz um giro pela antropologia do imaginário para revisitar os conceitos da inteligência e do conhecimento à luz da teoria piagetiana bem como apontar as superações epistêmicas no bojo de uma teoria da imaginação. Para finalizar, apresentamos o artigo intitulado "Memórias, narrativas e as histórias do mundo" que busca contemplar uma indagação sobre os estudos da memória oral resituadas no atual pensamento teórico-antropológico dos estudos da memória.

Este debate não se esgota aqui, bem pelo contrário trata-se de uma análise que se atualiza a cada leitura e a cada interpretação. Que todos se sintam motivados a enviar sua sugestão em forma de artigos na continuidade destas trocas sociais.

Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert